

Brasil terá uma safra cheia em 2023, mas com muitos desafios

A produção nacional de grãos atingirá 312 milhões de toneladas no próximo ano. Será uma safra recorde, mas com muitos desafios.

É o que espera a Conab (Companhia Nacional do Abastecimento) na primeira estimativa para a safra 2022/23. Sergio De Zen, diretor da entidade, adverte, no entanto, que o produtor deverá tomar muito cuidado na comercialização e nos investimentos.

É uma grande notícia para a produção, mas ainda há muita incerteza vinda do mercado. Inflação e juros elevados podem trazer retração no mercado internacional.

Uma demanda menor na Europa ou na China, no caso chinês devido aos lockdowns, deve afetar os preços, o que é bom para o consumidor, mas traz desafios para o produtor, uma vez que ele fez o plantio com custos elevados, segundo o diretor.

Se o volume nacional esperado pela Conab for confirmado, a produção de 2022/23 será 15% superior à anterior. Em volume, serão 41,5 milhões de toneladas a mais.

A produção nacional de grãos avança rapidamente, mas muito voltada para o mercado externo. Soja e milho vão somar 279 milhões de toneladas. Deste volume, 141 milhões serão destinados ao mercado externo, segundo a Conab.

A produção de soja tem potencial para atingir 152 milhões de toneladas; a de milho, 127 milhões. Do volume de milho, 96 milhões virão da segunda safra.

Já a produção de arroz e de feijão recua para 13,7 milhões de toneladas, 0,44% a menos do que na safra anterior, obrigando o país a importar 1,2 milhão de toneladas desses produtos.

A soja terá um aumento de área de 3,4%, com o plantio se espalhando por 43 milhões de hectares. O espaço dedicado ao arroz recuará para 1,5 milhão de hectares, 5% a menos do que no ano anterior.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 07 de outubro.

Defasagem no preço da gasolina atinge maior valor desde o início de julho

Com a alta do petróleo nos últimos dias, a defasagem no preço interno da gasolina em relação às cotações internacionais atingiu o maior valor desde o começo de julho, antes da série de cortes nas refinarias promovidas pela Petrobras.

Especialistas esperam que a cotação do petróleo se mantenha em patamares altos, o que joga pressão sobre a direção da Petrobras em meio à campanha para reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL), que não quer aumentos antes da votação do segundo turno.

Segundo a Abicom (Associação Brasileira das Importadoras de Combustíveis), o preço médio da gasolina nas refinarias brasileiras estava R\$ 0,31 por litro abaixo da paridade de importação —uma baliza em relação aos preços internacionais— na abertura do pregão desta quinta-feira (6).

É o maior valor desde os R\$ 0,40 registrados no dia 4 de julho. Calculada pela Abicom em R\$ 0,43 por litro, a defasagem do preço do diesel é a maior desde os R\$ 0,52 por litro verificados no dia 28 de junho.

Naquele período, os preços registravam elevadas defasagens por dias consecutivos, em um sinal de que a Petrobras vinha segurando reajustes.

Logo depois, o petróleo começou a cair no mercado internacional e a Petrobras promoveu uma série de cortes nos preços em suas refinarias.

Em relatório, analistas do banco dizem que o mercado segue pressionado pela maior demanda para substituir o gás da Rússia e o fim do uso de estoques estratégicos na Europa e pelo início de sanções contra importações russas em dezembro.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, sexta-feira 07 de outubro.